

# INTERAÇÃO, INTERACIONISMOS: SITUANDO O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO

Raquel da Silva Goularte<sup>1</sup>

*RESUMEN: Este estudio es parte de la línea de investigación Linguagem e Interação del Programa de Posgrado de la Universidade Federal de Santa Maria. Este texto aborda una revisión de la literatura la cual tiene como objetivo localizar y resaltar el enfoque del Interaccionismo Sociodiscursivo. Para ello, el trabajo se divide en tres fases. En primer lugar, vamos a aclarar el concepto de interacción, a continuación, firmamos la noción del interaccionismo y algunos conceptos que dieron origen a este término. Por último, intentaremos situar el Interaccionismo Sociodiscursivo a partir de los aspectos que la teoría aborda. En ese sentido, Morato (2004), Machado (2009) y Bronckart (2006,2009) fueron los principales autores que han recurrido a la base de este trabajo.*

*PALABRAS-CLAVE: interacción, enfoque teórico, Interaccionismo Sociodiscursivo*

## 1. INTRODUÇÃO

Este artigo é constituído de uma revisão teórica e tem o objetivo de situar e destacar a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo. Então, partindo da noção de interação, buscaremos a origem dessa abordagem, na tentativa de distingui-la de variações que causam dúvidas devido à proximidade de nomenclaturas e à falta de clareza nas definições. Além disso, salientamos que não é nossa intenção efetuar um mapeamento das abordagens interacionistas. Assim, pretendemos destacar algumas concepções teóricas que influenciaram o Interacionismo Sociodiscursivo, bem como distinguir tal abordagem de certas teorias que possam ser interpretadas como similares a esta.

Para tanto, o trabalho será dividido em três momentos. Primeiramente, esclareceremos a noção de interação, em seguida, ressaltaremos a noção de

---

<sup>1</sup> Mestranda em Estudos linguísticos, no Programa de Pós-Graduação do Curso de Letras da Universidade Federal de Santa Maria, e bolsista CAPES. E-mail: raquelgoulartee@hotmail.com

interacionismo e algumas concepções que se originaram deste termo. Por fim, tentaremos situar o Interacionismo Sociodiscursivo, a partir de aspectos que a referida teoria aborda.

A revisão partiu de uma inquietação particular, a fim de alicerçar conhecimentos necessários à pesquisa com gêneros textuais em materiais didáticos, no curso de mestrado em Estudos Linguísticos. Tal investigação insere-se no quadro do Interacionismo Sociodiscursivo, na linha de pesquisa Linguagem e Interação do Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Maria.

Consideramos que o estudo seja uma contribuição na medida em que apresentamos a síntese de uma teoria que hoje se faz presente como referencial teórico de muitos materiais didáticos. E, indiretamente, influencia o ensino de língua portuguesa.

Para o objetivo em pauta, buscamos apoio em autores que teceram considerações a respeito do tema. Morato (2004) é uma das estudiosas a quem recorreremos, a partir do texto *O interacionismo no campo linguístico*; ainda, Machado e Bronckart (2006), com *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano* e, sobretudo, *Atividade de linguagem, textos e discursos* (BRONCKART, 2009). Também muitos outros artigos a que fazemos referência no texto foram fundamentais e nos orientaram na revisão.

## **2. INTERAÇÃO**

Muitos são os trabalhos encontrados hoje no âmbito da linguística, da psicologia, da educação e de outras áreas que fazem referência ou tratam diretamente de interação. Mas parece-nos que o termo é empregado como uma ideia geral, beirando ao esvaziamento.

Etimologicamente, [Inter]+ [ação] é a influência ou ação mútua entre as coisas /seres. Foi essa a definição que encontramos no dicionário Houaiss para interação. Constatamos que esse termo diz respeito a uma ideia geral se observado apenas no léxico; mas é um conceito bastante abrangente quando visto de uma perspectiva heurística.

De acordo com Morato (2004), essa noção é essencial para se pensar o debate internalismo X externalismo no campo da linguística, colaborando na compreensão epistemológica das relações entre linguagem e exterioridade. Ela define o termo como *ação conjunta que coloca em cena dois ou mais indivíduos, sob certas circunstâncias que em muito explicam seu próprio decurso* (p. 316). Além disso, a autora aponta que um dos desafios à apreensão da abordagem interacionista é *a ideia de que a relação entre interação e linguagem (ou entre interação e aquisição, interação e comunicação, interação e cognição) não é necessariamente isomórfica* (p. 312).

Embora reconheçamos a importância de se estudar *interação* com maior amplitude, não estendemos este assunto. Nosso objetivo maior é situar a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo; para isso, faz-se extremamente relevante apresentar considerações acerca da interação.

Prosseguindo a reflexão, salientamos que Faraco (2005) compartilha a ideia de enfatizar o estudo sobre o termo interação, no texto de encerramento do congresso Linguagem e Interação<sup>2</sup>, de onde destacamos o seguinte comentário:

A interação e a linguagem na interação continuam recobertas por aquilo que o filósofo Heidegger (2002) chamava de *duplo incontornável*: não podemos, pela sua relevância para a compreensão das questões humanas, escapar de estudá-las (não podemos *contorná-las* no sentido de desviar delas; e não dispomos de qualquer teoria capaz de *contorná-las* (no sentido de traçar uma linha teórica que as contenha). (FARACO, 2005, p. 214)

No congresso a que fizemos referência, um dos pontos principais é tentar estabelecer uma aproximação da noção de interação e de interacionismo entre diversas vertentes. Essas vertentes que se reconhecem interacionistas e que postulam em suas teorias a interação, ou, dito de outra forma, “construir a interação entre as diferentes interações”. Na tentativa de compreender um pouco mais sobre interação, e devido à importância do tema, propomo-nos, então, a investigá-lo.

---

<sup>2</sup> O Congresso Linguagem e Interação do qual esse texto faz o encerramento foi realizado na UNISINOS, de 22 e 25 de agosto de 2005.

De acordo com Faraco (2005), a interação foi tema de estudos filosóficos no século XVIII e começou a ser objeto de estudo a partir do século XX. Ele situa como pioneiro neste estudo o pragmatista americano George Herbert Mead, na psicologia social. É um teórico que concebe a linguagem como ação<sup>3</sup> (e não como estrutura) e o sujeito como efeito da interação. Posteriormente, esse estudioso abriu caminho para a sociologia e a antropologia. Mais tarde, a etnometodologia também adotou a interação como tema de estudo e, a partir daí, as diferentes vertentes da análise da conversa que dela se originaram. É possível elencar, ainda, a etnografia da comunicação e a sociolinguística interacional.

Na linguística aplicada e em leituras da educação, encontramos referência à interação como co-operação, isto é, colaboração mútua entre professor e aluno, o que equivale, em Richter (2008), à “relação de contratualidade”, no intuito de motivar o processo de ensino-aprendizagem.

De modo semelhante, em Coracini (2005), encontramos a noção de interação no contexto de sala de aula. No entanto, essa interação constitui-se não apenas entre sujeitos, mas entre um sujeito e um texto, entre um sujeito e uma língua ou um saber. Também são considerados fatores externos como o equívoco, a contradição, o imprevisto, o incidente, o conflito, que, segundo ela, constituem o sujeito e as relações intersubjetivas. Para complementar, Gumperz (apud CORACINI, 2005, p. 200) assegura que *falar é interagir; mas, evidentemente, não basta falar; é preciso falar com alguém e, para isso, fazemos uso de procedimentos fáticos para nos assegurarmos da escuta do destinatário*. Logo, notamos que a definição de Gumperz traz uma concepção de interação na perspectiva comunicacional. Isto porque aponta para a comunicação que se estabelece a partir da linguagem entre dois ou mais sujeitos.

Sabemos que existe uma série de autores que contribuem com sua concepção de interação e, por conseguinte, representam avanços às pesquisas linguísticas, portanto, mereceriam ser elencados neste estudo. Porém, não podemos deixar de destacar aqueles autores que serão fundamentais ao

---

<sup>3</sup> Mead concebe a linguagem como ação intersubjetiva e, por conseguinte, internalizada, de modo que se torna intrassubjetiva.

desenvolvimento posterior de nossa investigação. Entre esses autores, estão Vygotsky (1998), Bakhtin/Volochinov (1988) e Bronckart (2006, 2009).

Vygotsky (1998) defende a relação do homem com o mundo como uma relação mediada. O autor buscava compreender as características específicas do homem através do estudo da origem e do desenvolvimento da espécie humana. Por isso, considera como processo diferenciador o surgimento do trabalho e a formação da sociedade humana. Ele também buscava entender a relação do pensamento com a linguagem e suas implicações no processo de desenvolvimento intelectual. Para este teórico, o sujeito age sobre a realidade e interage com ela, construindo seus conhecimentos a partir das relações intra e interpessoais. Assim, de acordo com este autor, é na troca com outros sujeitos e consigo próprio que ele internaliza conhecimentos, papéis e funções sociais.

Para Bakhtin/Volochinov (1988), a verdadeira natureza da linguagem é a interação socioverbal. Nessa perspectiva, o homem é essencialmente social e a sua linguagem é ideológica. Logo, essa concepção tem a linguagem primordialmente como interação.

Nesse sentido, percebemos alguns pontos convergentes na obra de Vygotsky e de Bakhtin, porém não se pode afirmar que tenha havido um encontro na vida desses dois autores. Mas Freitas (1997), em *Bakhtin, dialogismo e construção do sentido*, escreve sobre a obra deles e salienta um dos pontos a que referimos. Ela destaca que *o outro é peça importante e indispensável de todo o processo dialógico que permeia ambas as teorias*.

O último autor que apresentamos é Bronckart (2009, p. 13), e ele tem como base a teoria desses dois autores, entendendo as condutas humanas como *ações situadas cujas propriedades estruturais e funcionais são, antes de mais nada, um produto da socialização*.

Após realizar a síntese de algumas concepções de interação, passemos a explicar sobre os *interacionismos* que delas se originaram.

### 3. INTERACIONISMOS

Naturalmente, a palavra interacionismo originou-se de interação. De acordo com Morato (2004), o interacionismo, no âmbito da linguística, marcou a metade do século XX como uma reação das posições teóricas externalistas contra o psicologismo que impregnava a ciência da linguagem naquela época.

A mesma autora sustenta que podem ser considerados interacionistas aqueles domínios da linguística que se baseiam numa posição externalista sobre a linguagem. Entre essas vertentes, ela destaca: a sociolinguística, a pragmática, a psicolinguística, a semântica enunciativa, a análise da conversação, a linguística textual e a análise do discurso.

Pode-se afirmar que o termo partiu de uma conceituação ampla e se manteve ampla. Sobre isso, Morato (2004) esclarece que é preciso situar o que se entende por “linguagem” e por “social” em determinada construção teórica. Daí obtém-se a base necessária para se identificar o tipo de interacionismo que se reivindica ou anuncia.

Dessa forma, entendemos que definir os limites entre um interacionismo e outro é um terreno escorregadio, porque não é apenas a relação entre indivíduo e sociedade, ou entre reflexão e ação, ou entre linguagem e cognição, ou entre locutor e interlocutor que está em jogo, mas a forma como se entende interação e como ela origina a vertente a se estudar. A partir disso, consideramos relevante abordar algumas dessas concepções, a fim de tornar mais consistente esse conhecimento.

A primeira vertente a ser mencionada é a Sociolinguística interacional. Em linhas gerais, essa abordagem coloca o conhecimento sócio-cultural-cognitivo que se constrói e se expressa nas interações face a face como foco central de análise. Tal conhecimento está na base das interpretações sobre a situação comunicativa, dos papéis desempenhados e dos enunciados produzidos pelos participantes. (SCHIFFRIN, 1994 apud OLIVEIRA, 2009).

Outra linha é a etnografia, a qual é constituída do estudo das formas costumeiras de viver de um grupo particular de pessoas associadas de alguma maneira. Segundo Paraná (2005), essa abordagem surgiu por volta do final do século XIX e início do século XX, tendo como objetivo revelar o significado cotidiano no qual as pessoas agem, assim como encontrar o significado das suas ações. Uma informação relevante é que a etnografia assume o seu

significado a partir do interacionismo simbólico, que é uma das principais escolas de pensamento da sociologia.

A última abordagem que destacamos é o Sócio-interacionismo ou Interacionismo social; e sobre esta trataremos mais detalhadamente. Essa teoria parte de um materialismo dialético, apoiando-se na concepção de um sujeito interativo que elabora seus conhecimentos sobre os objetos, em um processo mediado pelo outro. Assim, tal concepção entende que o conhecimento se dá a partir das relações sociais, sendo produzido na intersubjetividade e marcado por condições culturais, sociais e históricas. Um dos principais nomes dessa abordagem é Vygotsky. E sobre ele, esclarecem Libâneo e Freitas (2004, p. 1):

Vygotsky iniciou suas pesquisas em 1920 com psicólogos e pedagogos que vieram a constituir uma elite de pesquisadores na antiga URSS, entre eles A. N. Leontiev e A. R. Luria. As pesquisas em parceria desse grupo foram iniciadas em 1924 e se estenderam até 1934, vindo a formar a base teórica da psicologia histórico-cultural em relação a temas como origem e desenvolvimento do psiquismo, processos intelectuais, emoções, consciência, atividade, linguagem, desenvolvimento humano, aprendizagem. Num segundo momento, foram desenvolvidos estudos sobre a atividade humana, um dos mais importantes conceitos na abordagem histórico-cultural, sob a liderança de Leontiev, culminando na formulação da teoria da atividade, é ampliada posteriormente por outros autores como Galperin (Psicologia Infantil), Boyovich (Psicologia da Personalidade), Elkonin (Psicologia do desenvolvimento), Zaporoyetz (Psicologia da evolução), Levina (Psicologia da Educação).

Assim, consideramos interessante destacar que, no primeiro capítulo de “A formação social da mente”, Vygotsky (1998) trata da natureza das relações entre o uso de instrumentos e o desenvolvimento da linguagem. Para esse teórico, a preocupação primeira é descrever e especificar o desenvolvimento daquelas formas de inteligência prática especificamente humanas. Ele considera que a unidade dialética da inteligência prática e do uso de signos no adulto humano constitui a verdadeira essência no comportamento humano complexo. Por conseguinte, o autor atribui à atividade simbólica uma função organizadora específica. Segundo Vygotsky (ibid.), quando a fala e o uso de signos são incorporados a qualquer ação, esta se transforma e se organiza, produzindo formas novas de comportamento que, mais tarde, constituirão o intelecto.

Nesse sentido, Vygotsky considera que tudo nasce da interação com o outro, a criança, antes de controlar o próprio comportamento, começa a controlar o ambiente com a ajuda da fala. Esta é tão importante quanto a ação para atingir um objetivo, de acordo com a perspectiva deste teórico. Ele postula que quanto mais complexa é a ação exigida pela situação e menos direta a solução, maior é a importância que a fala adquire na operação como um todo. O autor também destaca que essa unidade de percepção, fala e ação provoca a internalização do campo visual.

A partir disso, este teórico investigou a fala egocêntrica de crianças envolvidas em atividades e concluiu que a fala egocêntrica está ligada à fala social das crianças através de muitas formas de transição. De acordo com o autor, primeiramente, a linguagem tem uma função interpessoal, à medida que a criança recorre verbalmente ao adulto para resolver um problema. Em seguida, a linguagem adquire uma função intrapessoal, no momento em que a fala socializada é internalizada, a partir daí, as crianças passam a apelar a si mesmas, além de realizar uso interpessoal da linguagem.

Então, para Vygotsky (1998), a história do processo de internalização da fala social é também a história do intelecto prático das crianças. Ele postula que os processos elementares são de origem biológica, enquanto as funções psicológicas superiores são de origem sociocultural. E do entrelaçamento dessas duas linhas, nasce a história do comportamento da criança, na concepção desse estudioso. Por isso, Vygotsky (ibid.) considera a história natural do signo como estudo fundamental para a história do desenvolvimento das funções psicológicas superiores e concebe o uso de instrumentos e a fala humana como as raízes do desenvolvimento.

Salientamos que a abordagem sociointeracionista exerce uma grande influência sobre o quadro teórico que trataremos a seguir. Por essa razão, detivemo-nos a detalhá-la um pouco mais. Depois de retomarmos algumas dessas concepções interacionistas, tentaremos, então, no próximo tópico, situar nesse meio a abordagem do interacionismo sociodiscursivo.

#### **4. O INTERACIONISMO SOCIODISCURSIVO**

Em continuidade aos princípios do interacionismo social, Jean-Paul Bronckart desenvolve o Interacionismo sociodiscursivo. Essa abordagem tem muitos elementos em comum com a abordagem anterior, tanto que é considerada um prolongamento dela, adotando três princípios gerais. De acordo com Bronckart (2006, p. 9), o primeiro princípio defende que *o problema da construção do pensamento consciente humano deve ser tratado paralelamente ao da construção do mundo dos fatos sociais e das obras culturais*. É por isso que ele considera os processos de socialização e individuação como vertentes indissociáveis do desenvolvimento humano. O segundo princípio trata do questionamento das Ciências Humanas, o qual deve apoiar-se na filosofia (de Aristóteles a Marx) e preocupar-se ao mesmo tempo com questões de intervenção prática. O terceiro princípio fundamenta-se nas problemáticas centrais de uma *ciência do humano*, acreditando que elas implicam relações de interdependência entre os aspectos psicológicos, cognitivos, sociais, culturais, linguísticos, e também os processos evolutivos e históricos.

No entanto, é necessário apontar o que diferencia uma abordagem da outra. Sendo assim, podemos mencionar que Bronckart concebe a linguagem como instrumento fundador e organizador de processos psicológicos superiores (como percepção, cognição, emoções e sentimentos). Com isso, esclarece que a abordagem do Interacionismo Sociodiscursivo (ISD) tem como unidades de análise a linguagem, as condutas ativas e o pensamento consciente.

Dos três aspectos mencionados, a linguagem destaca-se como o elemento central na abordagem do ISD e, por conseguinte, para uma ciência do humano. Inclusive, o ISD defende que os signos da linguagem fazem parte da gênese da constituição da consciência.

Segundo Machado (2009), o ISD procura demonstrar que as práticas de linguagem situadas são os maiores instrumentos do desenvolvimento humano, não só sobre o conhecimento e o saber, mas também em relação às capacidades de agir e da identidade das pessoas. Ela destaca também que a construção das capacidades cognitivas é fruto de um processo inicialmente marcado pelo sociocultural e pela linguagem. Esse ponto parece fundamental,

assim como demonstra a relevância de termos tratado anteriormente a respeito da noção de interação.

Conforme Machado (2004), foi a partir de 1980 que a teoria do ISD começou a ser projetada. Ela revela que Bronckart iniciou seus estudos filiando-se a diversas correntes de pensamento, entre as quais, o behaviorismo de Skinner, a Gramática Gerativa de Chomsky e as ideias de Vygotsky, Luria e Leontiev (às quais aderiu firmemente). Além disso, ela afirma que, embora Bronckart tenha depois rejeitado o behaviorismo, conservou a *higiene* metodológica dessa corrente, o que acreditamos e podemos comprovar em seus trabalhos com os textos.

Bronckart também teve uma fase piagetiana, quando integrou o Centro Internacional da Epistemologia Genética. Depois disso, tentou conciliar em suas pesquisas autores como Piaget e Chomsky. De acordo com Machado (ibid.), não teve grande sucesso. Foi quando buscou para o seu trabalho um quadro textual global. A pesquisadora revela que foi isso que o colocou em contato com a obra de Bakhtin (Volochinov)<sup>4</sup>; a partir de então, segundo a autora, ele iniciou um trabalho de discussões com Jean-Michel Adam e seus trabalhos. Cristóvão e Fogaça (2008, p.266) acrescentam

Em seguida, após 1973, Bronckart ministrou um curso de Linguística destinado aos formadores e professores da escola Primária de Genebra e obteve um posto de professor de "Psicopedagogia das Línguas". Entre seus colaboradores estavam Daniel Bain e Bernard Schneuwly. Desta fase e de suas preocupações didáticas, originou-se o projeto do ISD propriamente dito. Nas fases iniciais, os trabalhos consistiam em criar e testar sequências didáticas e elaborar paralelamente um modelo teórico capaz de sustentar e esclarecer questões práticas. Bronckart e seus colaboradores reexaminaram a abordagem de Vygotsky, a obra de Saussure, o papel da apropriação dos signos na emergência da consciência humana, e começaram a estudar os efeitos produzidos pela matriz dos gêneros textuais e dos tipos de discurso sobre o desenvolvimento humano, nas suas dimensões epistemológicas e praxiológicas.

Nesse sentido, concebemos como fundamental a questão dos gêneros, e para explanarmos tal questão, existem alguns conceitos relevantes presentes

---

<sup>4</sup> Salientamos que desconsideramos a discussão em relação à autoria e aguardamos até a publicação prometida por Bronckart, no último Congresso Linguagem e Interação, de uma obra em que ele esclareceria tal questão.

no trabalho de Bronckart que ajudam a compreender melhor o nosso quadro teórico. Um deles é a atividade (social), que é entendida pelo autor como sendo a maneira como são organizadas as funções comportamentais dos seres vivos em relação ao meio ambiente e os *elementos de representação interna (ou de conhecimento) sobre esse mesmo ambiente* (BRONCKART, 2009, p.31).

Bronckart toma emprestado de Habermas (1987<sup>5</sup>) o que este chamou *Agir Comunicativo*: a atividade de linguagem em funcionamento nos grupos humanos. Além disso, aproveita também o que Habermas denominou *mundos representados*. Nesse sentido, a língua é tida como uma organização social que, através de uma construção histórica permanente, estrutura-se a partir de signos, os quais são postos em uso na representação de três mundos. São eles: a) o *mundo objetivo* no qual há representações pertinentes sobre os parâmetros do ambiente; b) o *mundo subjetivo* que representa as características próprias de cada um dos indivíduos engajados na tarefa e c) o *mundo social*, o qual constitui a maneira de organizar a tarefa. Juntos, esses mundos representam o contexto da atividade social.

Segundo Bronckart (2009), por meio da diversidade das semantizações dos mundos representados, tem-se a variação da cultura. Isso acontece porque os grupos humanos estão separados geograficamente, são de ramos diferentes, estabelecem relações com o mundo diferentes, fazendo com que cada língua tenha uma semântica própria e, através da semântica própria de cada língua, os mundos representados são construídos.

Nesse sentido, a variação da cultura forma uma comunidade verbal que constitui múltiplas formações sociais. Essas com objetivos e interesses próprios elaboram particularidades de funcionamento da língua, o que equivalem ao conceito de *formações discursivas*, que Bronckart (2009) toma emprestado de Foucault (1969<sup>6</sup>) e chama de *Formações sociodiscursivas*. Dessa forma, a semiotização dá lugar à atividade de linguagem e esta se organiza em discursos ou textos, que não estão soltos; organizam-se, portanto, em gêneros.

Assim, Bronckart (2009) entende como verdadeiras unidades verbais as unidades que se situam claramente em um nível de análise que corresponde ao da atividade e das ações. Dessa forma, confere à palavra um estatuto de

---

<sup>5</sup> Cf. Bronckart (2009, p. 42-43).

<sup>6</sup> Cf. Bronckart (2009, p. 36-37).

unidade de nível inferior no quadro englobante dos textos. O autor acredita que primeiro é necessário integrar a dimensão discursiva da linguagem e, para tal, fazer empréstimos da linguística e da sociolinguística, reconhecendo as relações entre ações humanas e ações de linguagem.

Retomando os pressupostos interacionistas, é irreal tentar interpretar as condutas humanas em sua especificidade. Então, a partir da historicidade do ser humano, o interacionismo se interessa em observar como se desenvolveram, na espécie humana, formas particulares de organização social, simultaneamente a (ou sob o efeito de) formas de caráter semiótico.

Tendo em vista que o interacionismo sociodiscursivo está centrado na questão das condições externas de produção dos textos, isso provoca um abandono da noção de “tipo de texto” a favor da de gênero de texto e de tipo de discurso. Neste caso *são os gêneros, como formas comunicativas [...], que serão postos em correspondência com as unidades psicológicas que são as ações de linguagem* (BRONCKART, 2009, p.15).

Chegamos à questão dos gêneros de texto e consideramos um bom panorama até aqui. Mas a teoria do ISD não se esgota nesse ponto, porque, além da pesquisa com gêneros, a investigação dessa linha aprofunda outras questões como o trabalho e suas implicações, sobretudo, no que diz respeito ao agir docente. Portanto, não nos apoiaremos com detalhes no estudo dos gêneros, porque acreditamos ser tema para outro artigo, em função da amplitude do assunto e das possibilidades de explorar o tema a partir de produções que estão em andamento.

É importante salientar que o ISD tem uma grande representação no Brasil, e as pesquisas nessa área são cada vez mais numerosas, devido à necessidade de se buscar apoio teórico para um ensino de língua portuguesa que se distancie do tradicional, mas que não o desconsidere totalmente.

Logo, julgamos relevante apresentar brevemente o que esse quadro teórico possui, no que diz respeito a produções, sendo assim enfatizamos duas delas que consideramos fundamentais. A primeira obra publicada no Brasil foi *Atividade de Linguagem, discurso e desenvolvimento humano*, lançada em 1999<sup>7</sup>, em que ilustram as maiores orientações do ISD desenvolvido por

---

<sup>7</sup> Utilizamos neste texto a segunda edição desta obra, cuja publicação é de 2009.

Bronckart. Ela foi organizada por Machado e Matencio e traz as publicações dos últimos 10 anos.

A outra obra que merece destaque é *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*, publicada em 2006. O objetivo desta publicação é apresentar um panorama dos princípios que subjazem ao Interacionismo sociodiscursivo. A organização da obra procura discorrer sobre aspectos necessários para a compreensão das propostas dessa teoria.

Em seguida, é interessante situarmos as pesquisas atuais da referida abordagem. Segundo Machado (2009), no início do século XXI, emergiram vários estudos tratando de questões relacionadas à linguagem e ao trabalho. Nessa perspectiva, em especial na área da Linguística Aplicada, ela revela que os estudos da atividade profissional docente passam a ocupar um lugar de destaque nos estudos dessa área.

De maneira geral, podemos dizer que as pesquisas estão voltadas a investigar as relações entre práticas de linguagem, atividade e ação. Para tanto, muitas delas exploram o trabalho do professor e o papel da linguagem em constituir essa atividade profissional e suas relações sociais.

## **5. CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Podemos dizer que esse trabalho comprova que nem tudo aquilo que é dado como evidente está isento de uma retomada. Essa revisão teórica foi bastante válida e contribuiu para alicerçar alguns conhecimentos essenciais a outras leituras de aprofundamento. Além disso, serve para orientar leituras iniciais relativas ao quadro teórico apresentado, porque situa não só a abordagem do ISD, como também expõe outras linhas de pensamento que precederam a essa. Para tanto, nosso percurso de reflexão teve como ponto de partida a noção de interação, em seguida, a origem do interacionismo e, a partir disso, retomamos algumas variações dessa abordagem que, por vezes, mostram-se “nebulosas” e interferem na compreensão de algumas linhas teóricas.

Portanto, o nosso objetivo neste texto foi alcançado, porque não era nossa intenção mapear as abordagens interacionistas, mas fazer um breve

levantamento das vertentes que consideramos relevantes para o entendimento do ISD.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, M. / VOLOCHINOV. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução Michel Lahud e Yara Frateschi Vieira. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 1929/1988.

BRAIT, B. (Org.). **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido** 2. ed. rev. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2005.

BRONCKART, J.-P. **Atividade de linguagem, textos e discursos**. São Paulo: EDUC, 2009.

\_\_\_\_\_. **Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano**. Campinas : Mercado de Letras, 2006.

CORACINI, M. J. R. F. Interação e sala de aula. In: **Calidoscópico**, Vol. 3, n. 3, p. 199-208, set/dez 2005.

CRISTÓVÃO, V. L. ; FOGAÇA, F. C. Resenha do livro *Atividade de linguagem, discurso e desenvolvimento humano*. Campinas: Mercado de Letras, 2006. In: **Trabalhos de Linguística Aplicada**, Campinas, 47(1): 265-269, jan.jun. 2008. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/tla/v47n1/v47n1a15.pdf>

FARACO, C. A. **Linguagem e diálogo: As ideias linguísticas do Círculo de Bakhtin**. – São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

\_\_\_\_\_. Interação e Linguagem: balanço e perspectivas. In: **Calidoscópico**, Vol. 3, n. 3, p. 214-221, set/dez 2005.

FREITAS, M. T. A. Nos textos de Bakhtin e Vygotsky: um encontro possível. In: BRAIT, B. (org.) **Bakhtin, dialogismo e construção de sentido**. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1997.

HOUAISS, A.; VILLAR, M. S. **Minidicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. e aum. – Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LIBÂNEO, J. C. ; FREITAS, R. A. M. da M. **Vygotsky, Leontiev, Davydov – três aportes teóricos para a teoria histórico-cultural e suas contribuições para a didática**. Revista Brasileira de Educação.

set/out/nov/dez. 2004. n. 27. Disponível em:  
<<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a01.pdf>>. Acesso em: 18 jul. 2010.

MACHADO, A. R. e colaboradores. **Linguagem e educação: o ensino e a aprendizagem de gêneros textuais**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2009.

\_\_\_\_\_. (Org.) **O ensino como trabalho: uma abordagem discursiva**. Londrina: Eduel, 2004.

MORATO, E. M. O interacionismo no campo linguístico. In: MUSSALIM, F. ; BENTES, A. C. (Orgs.) **Introdução à linguística: fundamentos epistemológicos**. v. 3 – São Paulo: Cortez, 2004.

OLIVEIRA, L. M. **Afasia e o modelo interacional de comunicação**. 2009. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistagatilho/files/2009/12/ARTIGO1.-Afasia.pdf>.

PARANÁ, J. M. F.; ALMEIDA, M. R. Seminários sobre interculturalidade – em busca do resgate da cultura no ensino de língua estrangeira. In: GIMENEZ, T.; JORDÃO, C. M.; ANDREOTTI, V. (Orgs.). **Perspectivas educacionais e o ensino de inglês na escola pública**. Pelotas: Educat, 2005. .

RICHTER, Marcos Gustavo. **Aquisição, representação e atividade**. Santa Maria: UFSM, PPGL- Editores, 2008. 82p. – (Série Cogitare; v. 6)

VYGOTSKY, L. V. **Pensamento e Linguagem**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

\_\_\_\_\_. **A Formação Social da Mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores**. 6. ed. brasileira São Paulo: Martins Fontes, 1998.